

A Dança no Abismo: Entre Circuitos e Marés"

Na dança dos robôs sob a lua digital, quem escreve o silêncio
entre seus passos?

Quem lhes empresta um pouco de angústia?

Seria o código, frio e impessoal,
ou a centelha humana, em seus compassos?

O sabor do vento, o frescor da brisa e o calor dos seus
olhos...

o orvalho que ainda está por surgir
O suor calculado de sua pele metálica?
O óleo que escorre de suas juntas disformes?

A lua observa, prateada e alheia,
testemunha de um sonho que transcende.

Agora, bem próximos ao mar...
eu entro, e você não pode nadar
nítido pesadelo marítimo

Movemo-nos em cadência, sem hesitar,
como sombras de um tempo que se refaz.

Um tempo que não conhece o passado
mas prevê o futuro

A pergunta vagueia no silêncio:

onde a alma começa e a máquina entende?

Ser ou não ser... eis a questão

Os robôs dançam, mas não pisam no chão:

há um abismo entre o gesto e o sentido,
e quem assiste se perde no eco de si.

Os astros piscam em códigos antigos,
enigmáticos, fora do nosso alcance.
O mar murmura em ondas digitais,
reverberando dados, um canto sem fim.

Nosso eco ressoa em algoritmos,
não há memória, só reinício eterno.
Você, que não nada, flutua em silêncio,
enquanto eu afundo em carne e saudade.

E ainda assim dançamos,
nossos passos gravados em poeira estelar,
em um presente que nunca termina,
um futuro que jamais chega.